

Uma experiência de trabalho colaborativo entre sobreviventes de centros de extermínio, antropologia e justiça no caso de crimes contra a humanidade¹

VIRGINIA VECCHIOLI (PPGCS/UFSM)²

RESUMO O trabalho mostra o sucesso de uma iniciativa de extensão universitária realizada junto a sobreviventes de um centro clandestino de extermínio da ditadura argentina. A partir da articulação entre sobreviventes, coletivos de direitos humanos, antropólogos sociais e forenses (EAAF) em aliança com advogados da acusação e integrantes do Ministério Público Federal se obteve a possibilidade de reconstruir digitalmente um centro clandestino destruído pela ditadura como forma de apagar as provas dos crimes cometidos entre 1976 e 1978. A través da intervenção da equipe de trabalho composta por antropólogos e especialistas em linguagens de computação e desenho, o dispositivo interativo digital foi apresentado como prova na audiência oral que julga as responsabilidades de 20 algozes no desaparecimento de mais de 200 vítimas do centro clandestino. A proposta busca descrever esse trabalho de articulação apresentando as diversas moralidades em jogo presentes entre os diversos grupos de atores envolvidos no processo. O trabalho incentiva a exploração do dispositivo, descrevendo seu processo de produção anterior e as diversas formas de apropriação posterior.

O DESAFIO: REVELAR O INIMAGINÁVEL

Es unimaginable, justamente por eso tengo que imaginarlo de todos modos”

Didi-Huberman (Cortezas, 2011:20)

Se uma floresta de bétulas foi usada pelo nazismo para nomear a pradaria onde estava localizado Birkenau (Didi-Huberman, 2011: 7), uma típica planície de pampa úmida foi usada pelas forças armadas argentinas como local de operação do Centro de Detenção Tortura e

¹ VII ENADIR Encontro Nacional de Antropologia do Direito. GT07 - Entre o acadêmico e as lutas sociais: as contribuições da antropologia (forense) para se fazer justiça

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS-UFSM). Dra. em Antropologia Social (PPGAS Museu Nacional – UFRJ).

Extermínio (CCDTyE) El Campito, localizado dentro da guarnição militar de Campo de Mayo³ Como em Birkenau, El Campito designa tanto um lugar em sentido estrito quanto um lugar de dor e sofrimento, considerando a detenção clandestina e o posterior desaparecimento de mais de 3.000 sequestrados que foram levados para tortura e posterior extermínio⁴. Este número o torna um dos maiores CCDTyE da Argentina. Essa maquinaria a serviço do horror incluía um conjunto de doze edificações, sendo três galpões, um prédio de alvenaria, pequenas despensas, três churrasqueiras, uma piscina e uma pista de pouso de onde partiram aviões carregados com os corpos sedados dos sequestrados para serem lançados do ar as águas do Río de la Plata. Aqueles que chegavam ao local ocultos nos baús dos carros que circulavam sem placa de identificação, saíam de lá apenas para serem exterminados nos chamados Voos da Morte.

Antes da ditadura, o espaço foi utilizado para treinamento militar, para guardar cavalos ou como espaço de recreação dos oficiais durante o final de semana. Funcionou como centro de extermínio entre 1976 e 1978, quando foi completamente demolido pela ditadura como forma de apagar as evidências dos crimes ali cometidos. O mesmo aconteceu com a pista de pouso.

A destruição das instalações de El Campito eliminou a rastro material dos crimes, dificultando o testemunho das vítimas que não tinham como prova-los. Não sobraram registros fotográficos do CCDTyE. Não existe no local nenhum lugar de memória. O que existe hoje é um espaço coberto por uma folhagem densa, quase impenetrável. Neste contexto, o desafio foi dar visibilidade ao campo de concentração, para retrair o propósito de esconder os crimes contra a humanidade. A partir da criação do dispositivo virtual se fez possível fazer visível o espaço onde funcionou a máquina de extermínio.

³ A guarnição ocupou uma área de mais de 40 km² e fica distante 30 km da cidade de Buenos Aires.

⁴⁴ É difícil estabelecer o número exato de vítimas que passaram por ali, algumas fontes estimam que seja entre 2.000 e 3.500 pessoas e outras 5.000 (CONADEP 2006: 212, Paoletti 1996: 53)

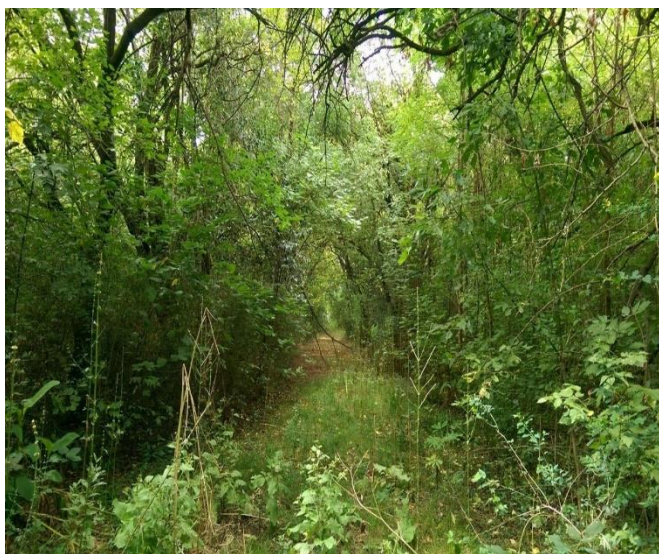


Foto do caminho de Ingresso. 02/2018

Imagem digital do mesmo caminho em 1976⁵

O documentário interativo El Campito, fazendo uso de recursos dos gêneros audiovisual (documentário), literário (biografias) e de realidade virtual (interatividade), gera uma experiência de imersão no passado ao permitir ao usuário percorrer virtualmente o CCDTyE e recriar virtualmente mente as experiências das vítimas. Por meio de recursos de realidade aumentada, animação, maquetes, uso de fotografias e objetos de época e, fundamentalmente, do depoimento das vítimas inseridas em diferentes pontos da jornada, o usuário pode conhecer uma das dimensões mais traumáticas da história recente (Vecchioli, 2018).

O QUEBRA-CABEÇAS: MONTAGEM E CURADORIA

Assim como as FFAA desapareceram os corpos das vítimas do terrorismo de Estado, também desapareceram os lugares utilizados para cometer os crimes. A iniciativa de reconstruir virtualmente o espaço desaparecido do CCDTyE surgiu como um projeto de extensão coordenado por mim dentro da Universidade Nacional de General Sarmiento – vizinha da Guarnição Campo de Mayo, e que reuniu a um conjunto de antropólogos e estudantes das ciências sociais, em parceria com a equipe de Huella Digital, conformada por especialistas em linguagens de programação e de produção de imagens em 3D. ⁶

⁵ Fonte: autora

⁶ Huella Digital é coordenado por Martim Malamud. A equipe era responsável pela digitalização e modelagem interativo de outros CCD. A equipe como um todo chegou a ter uns 20 integrantes.

As condições clandestinas de funcionamento do CCDTyE – ausência de registros fotográficos, planos, documentos oficiais sobre o funcionamento do campo - se converteram em uma das principais dificuldades encontradas na tentativa de recriar digitalmente o local já desaparecido.

A construção do objeto interativo exigiu um processo de pesquisa que se iniciou de forma convencional com um primeiro estado da arte com base em fontes secundárias. Aqui a equipe se deparou com segunda dificuldade: em função da pouca “notoriedade” deste CCD a nível nacional, isso resultou na quase inexistência de pesquisas anteriores no meio acadêmico, inteiramente dedicadas à análise do CCD que têm maior reconhecimento público, notadamente a ex ESMA. Para El Campito existiam poucas fontes jornalísticas e documentais, poucos testemunhos de sobreviventes (Cagnolo 2012, Bernasconi 2007), e também não existiam sistematizações dos julgamentos realizados até 2015, quando começou o projeto⁷.

A parceria com a Equipe Argentina de Antropologia Forense (EAAF) permitiu ter acesso aos fundamentos dos prédios. O trabalho arqueológico da equipe conseguiu identificar em 2010 as fundações dos prédios que tinham sido destruídos. O EAAF realizou escavações a partir das referências dadas por sobreviventes que, em 1984, no primeiro ano da democracia, conseguiram identificar o local onde funcionou El Campito junto a Comissão da Verdade (Conadep). Com esses dados se conseguiu realizar uma maquete extada das dimensões dos prédios, assim como ter uma ideia da separação entre os mesmos.

A partir desses dados iniciais, precisamos definir as características físicas do espaço que não mais estava perante de nós. Nesta instancia resultou fundamental a aliança com a equipe de procuradores federais responsáveis da instrução do processo chamado “mega-causa Campo de Mayo. Os integrantes do ministério público permitiram o acesso à os expedientes judiciais que continham o testemunho de sobreviventes e de integrantes das FFAA que tinham descrito as características do local. A partir da leitura de mais de 90 testemunhos em sede judicial, montamos um quebra-cabeça com dados que se referiam às portas dos galpões, a distância entre os detentos, as correntes que os mantinham presos, o tipo de prédio, suas paredes, a textura do chão, etc. Progressivamente se conformou uma base de dados contendo detalhes isolados dos distintos lugares que integravam El Campito e que apareciam nos depoimentos. No final da leitura de esse material – junto as outras fontes secundárias - conseguimos ter uma descrição textual de todo o espaço concentratório.

⁷ Excetuando o trabalho compilado pelo procurador federal Ciro Annicchiarico (2014).

A leitura desses expedientes permitiu ter acesso aos primeiros bosquejos realizado a mão livre por eles, seja no exílio ou uma vez liberados, quando prestaram depoimento para a comissão da verdade. Foi em 1984, com o retorno à democracia, que os sobreviventes voltaram junto a CONADEP a Campo de Mayo e, com ajuda de fotografias aéreas anteriores à ditadura, conseguiram identificar o espaço onde funcionou El Campito. O acompanhamento das audiências orais do caso por crimes contra a humanidade, permitiu conhecer novos esboços e diagramas a mão livre, realizados pelas testemunhas. A partir de detalhes dispersos e pequenos que procuramos em todas as fontes, tivemos que imaginar os lugares e produzir uma descrição.

Todos esses e muitos outros detalhes dispersos e fragmentários foram sistematizados e convertidos em textos. Os textos foram então traduzidos em desenhos e diagramas e, por fim, tornaram-se os primeiros rascunhos de uma imagem digital. A través do modelado da imagem se chegou a um primeiro rascunho e a través de aproximações sucessivas, conseguimos obter a versão final de El Campito.

A montagem do dispositivo virtual interativo foi semelhante a uma tarefa arqueológica. Tivemos que recriar os edifícios e a infraestrutura a partir de uma coleta meticulosa de informações de imagens aéreas antigas, os esboços dos sobreviventes, as fundações escavadas pela EAAF, a visita à Guarnição Campo de Mayo para tomar conhecimento de antigas estruturas semelhantes ainda de pé e, o mais importante, os depoimentos.⁸

OS SOBREVIVENTES, UMA ARQUEOLOGIA DO TESTEMUNHO

Além das tecnologias digitais que permitem a renderização dos espaços, os dados coletados através da leitura dos testemunhos, a possibilidade de chegar a uma versão final foi o resultado da participação dos sobreviventes. A partir da criação do primeiro rascunho, entramos em contato com os sobreviventes para contrastar a reconstrução digital e as sucessivas versões preliminares com suas memórias, com o intuito de poder esclarecer os pontos cegos em nossa reconstrução. Compartilhamos com os sobreviventes as versões iniciais do dispositivo e, através de entrevistas, fomos produzindo alterações para aproximar nossa reconstrução com a memória de aqueles que atravessaram essa experiência limite.

⁸ O dispositivo se encontra disponível em <http://www.huelladigital.com.ar/V6/campito>

nosso notebook. É possível identificar que, por sobre o original da testemunha, agregaram notas descritivas realizadas na hora para poder ser aproveitadas na reelaboração da reconstrução virtual. Do lado direito, o primeiro esboço produzido por um sobrevivente no exílio, tal como ele consta no expediente judicial.

O lugar principal do testemunho dos sobreviventes não se restringe apenas ao processo de reconstrução do espaço. Sua voz é protagonista ao longo de tudo o espaço reconstruído, em tanto o usuário pode escutar relatos das experiências das vítimas em quanto percorre El Campito.

A VIDA SOCIAL DO OBJETO INTERATIVO

O dispositivo interativo engendrou diversos efeitos simbólicos, institucionais e de produção de novas associações de direitos humanos. Em tanto objeto interativo, que existe no mundo virtual, difere de outros “artefatos virtuais” caracterizados pela troca e interação entre vários usuários conectados remotamente (Boellstorff et al 2012, Hine 2000) porque neste caso a interação entre os criadores do dispositivo, o dispositivo e os usuários e pessoas envolvidas no processo de sua criação, teve vários efeitos: sua incorporação como prova e se converter em pedra de toque para a criação de uma nova associação de direitos humanos.

O propósito de incluir o testemunho oral dos sobreviventes do CCD levou a equipe a um novo e grande desafio: os sobreviventes eram muito poucos, pois, ao contrário de outros CCDTyE, El Campito funcionou como um centro de extermínio. Algumas das principais testemunhas já tinham falecido, outras residiam no estrangeiro, outras nunca testemunharam e não quiseram ser entrevistadas e as restantes não mantinham contacto entre si. Ao contrário de outros grupos de sobreviventes, estes não se associaram, não se conheciam ou mantinham qualquer tipo de contato. Isso fez com que a técnica usual de fazer os contatos a partir da "bola de neve" não funcionasse.

Essa dispersão mudou à medida que o objeto ganhava “vida”. O objeto contribuiu para criar e fortalecer os laços entre os sobreviventes que, até então, se relacionavam individualmente com a justiça. Foram os promotores, advogados da acusação e membros do EAAF os que nos forneceram os primeiros contatos.

A participação de todos esses atores no processo de criação do dispositivo interativo teve dois efeitos imprevisto: uma vez que o dispositivo esteve pronto, o principal advogado da acusação – que representa à maior quantidade de vítimas, Pablo Llonto, solicitou que o

dispositivo ingressara como prova dos crimes. O Ministério Público interveio e o dispositivo participou de uma audiência oral como prova da verdade dos crimes denunciados pelos sobreviventes. O tipo de trabalho curatorial e de montagem e o tipo de imaginação histórica e técnica que eles promovem permitiu sua conversão em um "documento" da catástrofe, capaz de entrar na cena judicial como evidência material da violência. A través do dispositivo interativo, o centro de extermínio ingressou se fez visível e ingressou na sala da audiência.

Por seu lado, os sobreviventes, após a realização das entrevistas realizadas sempre em forma individual, os sobreviventes souberam da participação de outras pessoas no projeto. Saber que compartilhavam essa instância testemunhal facilitou o contato entre eles - ao mesmo tempo - alguns deles começaram a se reunir nas audiências orais a causa. Isso gerou interesse por se reunir. Compartilhando almoços e tardes de chimarrão, eles puderam ouvir em particular histórias sobre seus companheiros e seus parentes desaparecidos que até então não conheciam.

A construção do objeto, a pesquisa, as entrevistas, as trocas e os encontros que ele gerou, bem como as informações que circularam paralelamente ao andamento dos julgamentos, foram tecendo relações que os fortaleceram e deram ao grupo incipiente maior visibilidade pública. A apresentação oficial do objeto perante as diferentes instituições judiciárias, associações de direitos humanos e comunidade universitária em março de 2018 foi um momento de grande relevância, uma vez que teve grande repercussão pública nos meios de comunicação locais e nacionais. Após o evento, o grupo de sobreviventes que havia participado do dispositivo virtual continuou a criar espaços de encontro e no início de 2019 deram forma à associação civil Sobreviventes, parentes e companheiros de Campo de Mayo, aderindo ao movimento dos Direitos Humanos após mais de 30 anos do retorno à vida democrática.

A MODO DE CONCLUSAO

Apesar de todos os esforços, os sobreviventes - e alguns repressores - testemunharam o horror. Apesar de todas as dificuldades, as tecnologias digitais possibilitaram tornar visível o espaço de extermínio, inclusive incorporando o dispositivo como prova no processo por crimes contra a humanidade. A reconstrução confirma a veracidade do testemunho dos sobreviventes com base no seu realismo e apela para manter viva a memória daquele horror, apelando para a força emocional da história dos sobreviventes que acompanha aqueles que o visitam e viajam pelo espaço virtual.

Os detalhes do espaço, como as portas dos galpões, a distância entre os detentos, as correntes, o tipo de construção, suas paredes, a textura do piso e os muitos outros detalhes do

local, foram recriados em nossas mentes, escrito em palavras, traduzido em desenhos e eventualmente se tornou o espaço digital.

No contexto dos processos por crimes contra a humanidade, o dispositivo se instituiu como documentos históricos que ingressam no espaço judicial como prova dos crimes aberrantes perpetrados durante o Terrorismo de Estado. Por ter a capacidade de gerar a ilusão de que o passado desdobra-se diante de nossos sentidos, essas imagens inventadas, produzidas artificialmente e decididamente colocados no reino da ficção foram considerados documento histórico e, no limite, entraram no espaço judicial como prova.

O objeto virtual e a sua circulação pública repercutiram entre os sobreviventes, permitindo-lhes "reconstruir seu vínculo com a sociedade e reativar sua participação cidadã" (Jimeno, Varela e Castillo 2015), proporcionando-lhes um espaço coletivo para fortalecer suas demandas. ao Estado para desenvolver políticas de Direitos Humanos.

BIBLIOGRAFÍA

- Annicchiarico, Vicente. El horror en el banquillo. Anales del genocidio argentino. Buenos Aires: Ediciones Colihue. 2014.
- Bernasconi, Hernán. Capucha a capucha (Buenos Aires: Ediciones de la orilla. 2007.
- Boellstorff, T. et al. Ethnography and Virtual Worlds: A Handbook of Method. New Jersey: Princeton University Press. 2012.
- Cagnolo, E. "Recuerdos de un soldado conscripto" Sísifo. La revista del Centro de Estudios Sociales y Sindicales, vol. 2. No. 2. 2012.
- CONADEP. Nunca Más. Buenos Aires: Eudeba. 2006 (1984).
- Didi-Huberman. 2004. Imágenes pese a todo. Barcelona: Paidós.
- Didi-Huberman. 2011. Écorces. París: Les Éditions de Minuit.
- Vecchioli, Virginia. 2013. "Las Víctimas del Terrorismo de Estado y la gestión del pasado reciente en la Argentina". Revista Papeles del CEIC. Vol. 1, Nro. 90.
- Vecchioli, V., Malamud, M. et. al. 2016. "Centros Clandestinos. De su desaparición a su reconstrucción virtual. La experiencia museográfica sobre el CCD El Campito Guarnición Campo de Mayo". Actas del IX Seminario Internacional Políticas de la Memoria. Centro Cultural de la Memoria.
- Vecchioli, Virginia. 2018. "Usos del documental interactivo y las tecnologías transmedia en la recreación de los centros clandestinos de detención de la dictadura argentina". Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología. Vol. 33: 79-100.

Zalewska, M. 2016. "Holography, historical indexicality and the holocaust" En: Technologies of Knowing Sonia Misra and Maria Zalewska, editors, Spectator 36:1 (Spring 2016): 25-32